

ORWELL

A FAZENDA DOS ANIMAIS



SUMÁRIO

ENSAIO VISUAL

VÂNIA MIGNONE

PREFÁCIO DO AUTOR À EDIÇÃO UCRANIANA

A FAZENDA DOS ANIMAIS

POSFÁCIO A ESTA EDIÇÃO

O animal se torna humano e o humano, animal (um esclarecimento)

MARCELO PEN

A FAZENDA DOS ANIMAIS, 75 ANOS EM CAPAS

FORTUNA CRÍTICA

Uma fabula satírica animal

EDMUND WILSON

Revolução em retrocesso

NORTHROP FRYE

Projeções

RAYMOND WILLIAMS

Literatura política e fantasia patriarcal

DAPHNE PATAI

Todos os animais são sagrados, mas alguns são mais sagrados que os outros

HAROLD BLOOM

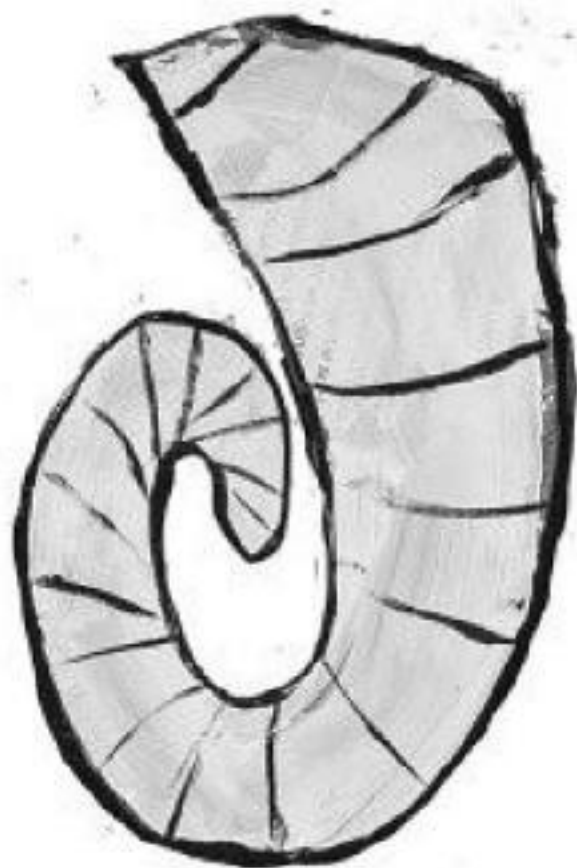
A Fazenda dos Animais: A história como fábula

MORRIS DICKSTEIN

“Posição política”

ALEX WOLOCH

SOBRE O AUTOR E OS COLABORADORES







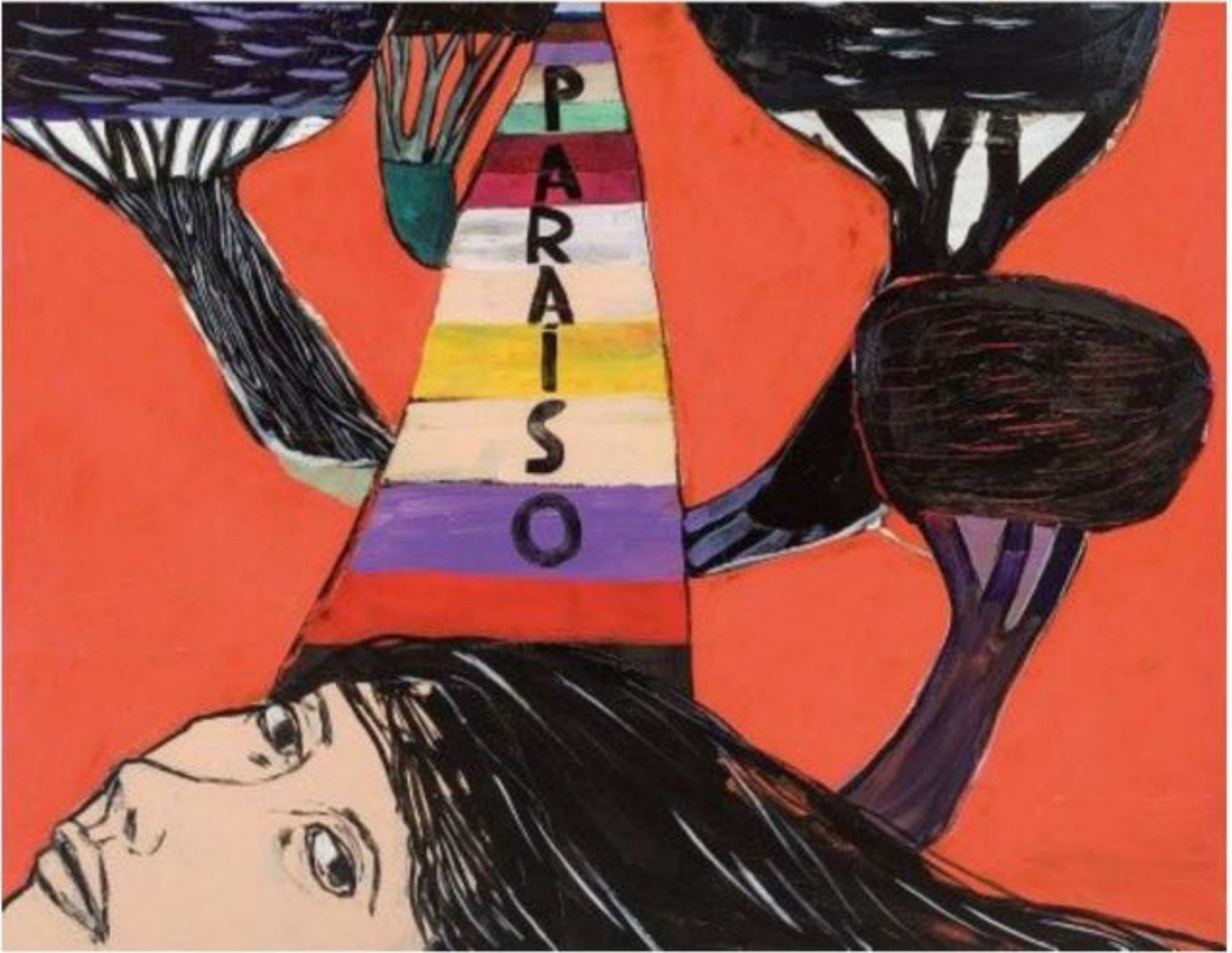


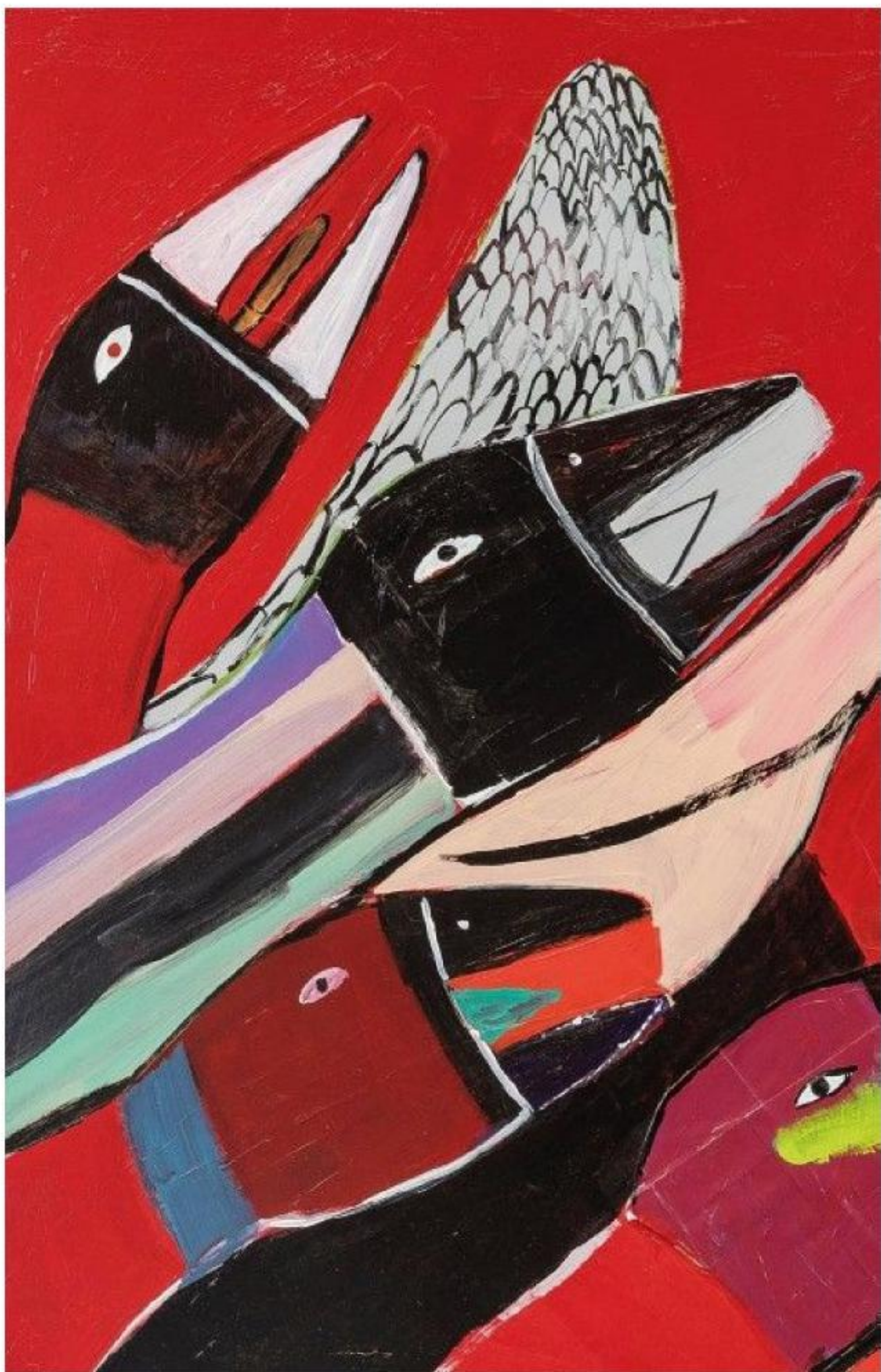












PREFÁCIO DO AUTOR À EDIÇÃO UCRANIANA

Publicado originalmente em 1947, numa edição feita para ucranianos alojados nos campos de refugiados da Alemanha sob a administração britânica e americana depois da Segunda Guerra Mundial.

Pediram-me para escrever um prefácio à tradução ucraniana de *A Fazenda dos Animais*. Sei que estou escrevendo para leitores sobre os quais não sei nada, mas também que eles nunca tiveram a menor oportunidade de saber nada a meu respeito.

Neste prefácio, o mais provável é que esperem que eu conte alguma coisa sobre a origem de *A Fazenda dos Animais*, mas primeiro queria falar um pouco sobre mim e sobre as experiências através das quais cheguei à minha posição política.

Nasci na Índia em 1903. Meu pai trabalhava na administração colonial inglesa, e minha família era uma dessas famílias comuns de classe média de soldados, religiosos, funcionários públicos, professores, advogados, médicos etc. Estudei em Eton, a mais cara e esnobe das Public Schools da Inglaterra.¹ Mas só fui aceito lá graças a uma bolsa de estudos; de outro modo, meu pai não teria meios de me mandar para uma escola desse tipo.

Pouco depois de me formar (ainda não completara vinte anos) fui para a Birmânia e me alistei na Polícia Imperial da Índia. Era uma força policial armada, uma espécie de *gendarmérie* muito semelhante à Guardia Civil da Espanha ou à Garde Mobile francesa. Lá servi cinco anos. Não gostei daquilo, que me fez detestar o imperialismo, embora naquela época não houvesse sentimentos nacionalistas muito pronunciados na Birmânia, e as relações entre britânicos e

birmaneses não fossem especialmente inamistosas. De folga na Inglaterra, em 1927, deixei o serviço e resolvi me tornar escritor: num primeiro momento sem muito sucesso. Entre 1928 e 1929, vivi em Paris, escrevendo contos e romances que ninguém publicaria (destruí todos de lá para cá). Nos anos seguintes, vivi praticamente da mão para a boca, e passei fome em várias ocasiões. Foi só a partir de 1934 que consegui começar a viver do que ganho com meus escritos. Entrementes, cheguei a passar meses a fio em meio aos elementos pobres e semicriminosos que vivem nas piores partes dos bairros mais pobres, ou moram nas ruas, mendigando e roubando. Naquela época me associei a eles devido à falta de dinheiro; mais tarde, porém, seu modo de vida me interessou muito pelo que representava. Passei muitos meses (mais sistematicamente, dessa vez) estudando as condições de vida dos mineiros do norte da Inglaterra. Até 1930 eu não me considerava totalmente socialista. Na verdade, nunca tive opiniões políticas claramente definidas. Tornei-me pró-socialista mais por desgosto com a maneira como os setores mais pobres dos trabalhadores industriais eram oprimidos e negligenciados do que devido a qualquer admiração teórica por uma sociedade planificada.

Casei-me em 1936. Praticamente na mesma semana irrompeu a Guerra Civil Espanhola. Tanto minha mulher como eu quisemos ir para a Espanha e lutar pelo governo espanhol. E ficamos prontos em seis meses, o tempo que levei para acabar o livro que estava escrevendo. Na Espanha, passei quase seis meses na frente de Aragão até que, em Huesca, o disparo de um franco-atirador fascista atravessou minha garganta.

Nos primeiros estágios da guerra, os estrangeiros viviam praticamente desinformados das lutas internas entre os vários partidos políticos que apoiavam o governo. Devido a uma série de acidentes, entrei não para as Brigadas Internacionais, como a maioria dos estrangeiros, mas para a milícia do POUM — os trotskistas espanhóis.

Assim, em meados de 1937, quando os comunistas obtiveram o controle (ou o controle parcial) do governo espanhol e começaram a perseguir os trotskistas, eu e minha mulher nos vimos em meio às vítimas. Tivemos muita sorte de conseguir deixar a Espanha com vida, e de não termos sido presos uma vez sequer. Muitos dos nossos amigos foram fuzilados, outros passaram longo tempo na cadeia ou simplesmente desapareceram.

Essas caçadas humanas ocorriam na Espanha ao mesmo tempo que os grandes expurgos na URSS, e eram uma espécie de complemento a eles. Tanto na Espanha como na Rússia, a natureza das acusações (a saber, conspiração com os fascistas) era a mesma, e no que diz respeito à Espanha, tenho todos os motivos para julgar que fossem falsas. Vivenciar tudo isso foi uma lição valiosa: ensinou-me como é fácil para a propaganda totalitária controlar a opinião de pessoas educadas em países democráticos.

Tanto minha mulher como eu vimos gente inocente ser atirada na prisão só por suspeita de desvio da ortodoxia. No entanto, quando voltamos à Inglaterra, encontramos muitos observadores sensatos e bem informados que acreditavam nos relatos mais fantasiosos — envolvendo conspirações, traição e sabotagem — que a imprensa fazia dos processos de Moscou.

*image
not
available*

possivelmente por não ter sido devidamente enfatizado por mim. Muitos leitores podem acabar de ler o livro com a impressão de que ele termina com uma reconciliação total entre os porcos e os seres humanos. Minha intenção não foi essa; ao contrário, eu desejava que o livro terminasse com uma nota enfática de discórdia, pois escrevi o fim imediatamente depois da Conferência de Teerã, que todos julgaram ter estabelecido as melhores relações possíveis entre a URSS e o Ocidente. Pessoalmente, jamais acreditei que essas relações pudessem durar; e, como os fatos demonstraram, não estava muito enganado.

Não sei o que mais preciso acrescentar. Se alguém se interessa por detalhes de ordem pessoal, posso acrescentar que sou viúvo, tenho um filho de quase três anos de idade, que minha profissão é a de escritor e que desde o início da guerra tenho trabalhado especialmente como jornalista.

O periódico para o qual escrevo com maior regularidade é o *Tribune*, um semanário sociopolítico que representa, em termos gerais, a ala esquerda do Partido Trabalhista. Os seguintes livros que escrevi podem ter algum interesse para o leitor comum (caso o leitor desta tradução encontre algum exemplar deles): *Dias na Birmânia* (uma história birmanesa), *Lutando na Espanha* (com base em minhas experiências na Guerra Civil Espanhola) e *Ensaio crítico* (ensaios que tratam especialmente da literatura popular inglesa de nossos dias, e mais instrutivos do ponto de vista sociológico do que propriamente literário).

—

*image
not
available*

de palha, debaixo de uma lanterna pendurada numa viga. Tinha doze anos de idade e nos últimos tempos se tornara um tanto gordo, mas ainda era um porco majestoso, com um ar de sabedoria e benevolência, embora nunca lhe tivessem cortado as presas. Em pouco tempo os outros bichos começaram a chegar e acomodar-se, cada um a seu modo. Primeiro vieram os três cães, Petúnia, Lulu e Grude, e em seguida os porcos, que se instalaram na palha bem em frente à plataforma. As galinhas se empoleiraram nos parapeitos das janelas, os pombos esvoaçaram até os caibros, os carneiros e as vacas se deitaram atrás dos porcos e ficaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Guerreiro e Tulipa, entraram juntos, andando bem devagar e baixando com todo o cuidado os enormes cascos peludos para não machucar algum animalzinho que estivesse escondido na palha. Tulipa era uma égua corpulenta e maternal, já se aproximando da meia-idade, que nunca havia recuperado sua boa forma por completo depois do nascimento do quarto potrinho. Guerreiro era uma criatura enorme, mais de um metro e oitenta de altura, e tinha o dobro da força de um cavalo normal. Uma faixa branca que lhe percorria o focinho de alto a baixo dava-lhe um ar meio apatetado, e de fato sua inteligência não era de primeira ordem; mas todos o respeitavam pelo caráter firme e pela tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos chegaram Mabel, a cabra branca, e Benjamim, o burro. Benjamim era o animal mais velho da fazenda, e o mais mal-humorado. Quase nunca falava, e quando falava era geralmente para fazer algum comentário sarcástico — por exemplo, dizia que Deus lhe dera um rabo para espantar as moscas, mas que ele teria

*image
not
available*

natural de um porco. Mas no fim nenhum animal escapa da crueldade da faca. Vocês, porcos jovens à minha frente, cada um de vocês terminará morrendo aos gritos no matadouro, em até um ano. Este será o fim horroroso de todos nós: vacas, porcos, galinhas, carneiros, todos. Nem mesmo os cavalos e cães têm um destino melhor. Você, Guerreiro, no dia em que esses seus músculos poderosos perderem a força, Jones há de vendê-lo para o carniceiro, que vai cortar sua garganta e cozinhar seu corpo para dar de comer aos cães de caça. Quanto aos cães, quando um deles fica velho e desdentado, Jones amarra um tijolo ao seu pescoço e o afoga na lagoa mais próxima.

“Não está mais do que claro, portanto, camaradas, que todos os males de nossas vidas provêm da tirania dos seres humanos? Se nos livrássemos do Homem, o produto de nosso trabalho seria nosso. Quase do dia para a noite, ficaríamos ricos e livres. O quê, então, devemos fazer? Ora, trabalhar dia e noite, corpo e alma, pela derrocada da espécie humana! Esta é a minha mensagem para vocês, camaradas: Rebelião! Não sei quando virá essa Rebelião, talvez em uma semana, talvez em cem anos, mas sei, com tanta certeza quanto sei que estou pisando na palha que vejo sob meus pés, que mais cedo ou mais tarde a justiça será feita. Tenham isso como meta, camaradas, durante todo o resto das suas curtas vidas! E, acima de tudo, passem adiante essa minha mensagem para todos os que vierem depois de vocês, a fim de que as gerações futuras levem adiante a luta até que seja alcançada a vitória.

“E não esqueçam, camaradas: sua determinação jamais deve fraquejar. Nenhum argumento deve desviá-los do caminho. Jamais deem ouvidos a quem lhes disser que o

*As boas novas que trago
Do dia que há de chegar.*

A cantoria gerou um arrebatamento extremo entre os animais. Mal o Major chegou ao fim da canção, os bichos começaram a cantá-la. Mesmo os mais estúpidos já haviam aprendido a melodia e partes da letra, e os mais inteligentes, como os porcos e os cães, decoraram a canção inteira em poucos minutos. Então, após algumas tentativas preliminares, toda a fazenda começou a entoar “Bichos da Inglaterra” num tremendo uníssono. As vacas mugiam a canção, os cães a ganiem, os carneiros baliavam, os patos grasnavam. Gostaram tanto da música que a cantaram cinco vezes seguidas, e teriam talvez continuado a cantar a noite inteira se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, o escarcéu despertou o sr. Jones, que se levantou da cama de repente e foi verificar se não havia uma raposa no pátio. Pegou a espingarda que sempre ficava encostada no canto do quarto e deu um tiro de chumbo grosso na escuridão. As balas se cravaram na parede do celeiro, e a assembleia se desfez na mesma hora. Cada um saiu correndo e foi dormir em seu lugar habitual. As aves foram para seus poleiros, os mamíferos se acomodaram na palha, e em poucos instantes toda a fazenda dormia.

—

Ora, a rebelião acabou acontecendo muito mais cedo e com muito mais facilidade do que todos imaginavam. Antigamente o sr. Jones, embora fosse um patrão tirânico, era também um fazendeiro competente, mas nos últimos tempos ia de mal a pior. Fora tomado pelo desânimo ao perder dinheiro numa causa judicial, e começara a beber mais do que devia. Passava dias inteiros escarrapachado em sua cadeira Windsor na cozinha, lendo jornais, bebendo e dando a Moisés um pedaço de pão empapado de cerveja de vez em quando. Seus empregados eram ociosos e desonestos; os campos estavam cheios de ervas daninhas; os telhados estavam com goteiras; as sebes estavam abandonadas; os animais eram subalimentados.

Chegou o mês de junho, e o feno estava quase a ponto de ser cortado. Na véspera do solstício de verão, que caiu num sábado, o sr. Jones foi a Willingdon e tomou tamanho porre na taverna Ao Leão Vermelho que só voltou para casa ao meio-dia de domingo. Os homens haviam ordenhado as vacas de manhã cedinho e depois foram caçar coelhos, sem se dar ao trabalho de alimentar os bichos. Tão logo chegou em casa, o sr. Jones foi dormir no sofá da sala de estar, cobrindo o rosto com o jornal *News of the World*, e assim, quando anoiteceu, os animais continuavam sem comer. Por fim, deram o basta. Uma das vacas arrebentou a chifradas a porta do celeiro onde ficava a comida, e todos os bichos começaram a se servir no depósito. Foi então que o sr. Jones acordou. Em seguida, ele e seus quatro empregados entraram no celeiro com chicotes nas mãos, atacando a torto e a direito. Os animais, esfomeados, não toleraram a agressão. De comum acordo, embora nada tivesse sido planejado de antemão,

Os animais fizeram o desjejum, e em seguida Bola de Neve e Napoleão os reuniram de novo.

“Camaradas”, disse Bola de Neve, “são seis e meia e temos um longo dia pela frente. Hoje começamos a fazer a colheita do feno. Mas, antes disso, há outra questão que precisa ser resolvida.”

Foi então que os porcos revelaram que, nos últimos três meses, haviam aprendido a ler e escrever com base num velho livro escolar encontrado no lixo e que pertencera aos filhos do sr. Jones. Napoleão mandou que lhe trouxessem latas de tinta preta e branca e, seguido pelos outros, foi até a porteira de cinco traves, que dava para a estrada principal. Bola de Neve (que era quem escrevia melhor) pegou um pincel com uma pata dianteira, cobriu de tinta a inscrição FAZENDA DO SOLAR, na trave de cima da porteira, e por cima dela escreveu FAZENDA DOS ANIMAIS. Esse seria o nome do lugar doravante. Feito isso, todos voltaram aos celeiros, para onde Bola de Neve e Napoleão mandaram trazer uma escada de mão, a qual foi encostada na parede dos fundos do celeiro principal. Os porcos explicaram que, nos estudos que haviam realizado nos últimos três meses, conseguiram reduzir os princípios do Animalismo a sete mandamentos. Esses sete mandamentos seriam agora escritos na parede; passariam a constituir uma lei inalterável, que deveria ser seguida por todos os moradores da Fazenda dos Animais por todo o sempre. Com alguma dificuldade (pois não é fácil para um porco equilibrar-se numa escada de mão), Bola de Neve subiu até o último degrau e começou a trabalhar, enquanto alguns degraus abaixo Guincho segurava a lata de tinta para ele. Os mandamentos foram escritos na parede coberta de piche em

todo caminhando no sol, carregando pequeninos feixes de feno no bico. Conseguiram concluir o trabalho, levando dois dias a menos do que Jones e seus empregados costumavam levar. Mais ainda, foi a maior colheita já realizada na fazenda. Não houve nenhum desperdício; as galinhas e os patos, com sua visão aguçada, recolheram até a última fibra. E nenhum animal da fazenda roubou nem sequer um bocado.

Durante todo o verão, o trabalho na fazenda transcorreu com perfeita regularidade. Os bichos sentiam uma felicidade que jamais haviam sequer imaginado. Cada bocado de alimento lhes proporcionava um prazer intenso, agora que era de fato deles, produzido por eles e para eles, e não distribuído em porções miseráveis por um dono sovina. Com a expulsão dos seres humanos, aqueles parasitas imprestáveis, havia mais comida para todos. Havia mais lazer, também, ainda que os animais tivessem pouca experiência a esse respeito. Enfrentaram muitas dificuldades — por exemplo, depois do verão, quando colheram o trigo, foram obrigados a pisá-lo, um método arcaico, e a separar o grão do joio soprando, pois na fazenda não existia debulhadora —, mas os porcos, com sua inteligência, e Guerreiro, com seus músculos poderosos, sempre conseguiam resolver os problemas. Todos tinham admiração por Guerreiro. Ele já era muito trabalhador no tempo de Jones; havia dias em que se tinha a impressão de que todo o trabalho da fazenda pesava sobre seu lombo. Ele puxava e empurrava da manhã à noite, e sempre estava no lugar em que a tarefa era mais árdua. Havia encarregado um frangote de despertá-lo todas as manhãs meia hora antes dos outros animais, e oferecia-se como voluntário onde quer que seus

Quanto aos porcos, eles já sabiam ler e escrever à perfeição. Os cães aprenderam a ler mais ou menos, mas a única leitura que os interessava eram os Sete Mandamentos. A cabra Mabel aprendeu a ler um pouco melhor que os cães, e às vezes à noite lia para os outros pedaços de jornal que encontrava no lixo. Benjamim lia tão bem quanto qualquer porco, mas nunca exercitava essa faculdade. Até onde podia ver, ele comentava, não havia nada que valesse a pena ler. Tulipa aprendeu todo o alfabeto, mas não conseguia formar palavras. Guerreiro não conseguiu passar da letra *D*. Traçava na terra *A*, *B*, *C* e *D* com sua enorme pata, e depois ficava olhando para as letras com as orelhas para trás, por vezes sacudindo o topete, tentando com todas as suas forças lembrar-se do que vinha depois, sem jamais conseguir. Em algumas ocasiões, conseguiu aprender *E*, *F*, *G* e *H*, mas nesse ponto sempre ficava claro que já se esquecera de *A*, *B*, *C* e *D*. Por fim, Guerreiro resolveu contentar-se com as primeiras letras, que escrevia uma ou duas vezes todos os dias, para refrescar a memória. Chica recusou-se a aprender quaisquer letras que não fossem as quatro necessárias para escrever seu próprio nome. Ela as traçava com muito capricho, usando pequenos gravetos, depois as enfeitava com uma ou duas flores, e punha-se a andar em torno do nome admirando seu feito.

Nenhum outro animal da fazenda conseguiu ir além da letra *A*. Constatou-se também que os bichos mais desprovidos de inteligência, como ovelhas, galinhas e patos, não eram capazes de decorar os Sete Mandamentos. Depois de pensar muito na questão, Bola de Neve proclamou que os Sete Mandamentos podiam, na verdade, ser reduzidos a uma

4.

No final do verão, a notícia sobre o que havia acontecido na Fazenda dos Animais já havia se espalhado por meio condado. Todos os dias Bola de Neve e Napoleão enviavam revoadas de pombos com ordens de se misturar aos animais das fazendas vizinhas, contar-lhes a história da Rebelião e ensinar-lhes a canção “Bichos da Inglaterra”.

O sr. Jones passara a maior parte desse tempo no Ao Leão Vermelho em Willingdon, queixando-se, para qualquer um que lhe desse ouvidos, da injustiça monstruosa que sofrera — expulso de sua propriedade por um bando de animais imprestáveis. Os outros fazendeiros, por uma questão de princípios, eram solidários com ele, mas de início não lhe deram muita ajuda. No fundo, cada um deles ficava a se perguntar se não haveria uma maneira de lucrar com a desgraça de Jones. Por sorte, os donos das duas propriedades vizinhas da Fazenda dos Animais eram inimigos de longa data. Uma delas, chamada Foxwood, era uma fazenda grande, malcuidada, antiquada e tomada pelo mato; os pastos estavam todos exauridos e as sebes, em condições deploráveis. O dono, sr. Pilkington, era um agricultor inexperiente, boa-vida, que passava a maior parte do tempo

os três cavalos, as três vacas e os outros porcos, emboscados no estábulo das vacas, de repente surgiram atrás dos homens, fechando-lhes a saída. Então Bola de Neve deu o sinal para o ataque. Ele próprio partiu direto para cima de Jones, que ao vê-lo levantou a espingarda e disparou. As balas abriram riscos sangrentos nas costas de Bola de Neve, e uma ovelha caiu morta. Sem se deter por sequer um instante, Bola de Neve lançou sua massa de cem quilos nas pernas de Jones. O homem foi arremessado numa pilha de estrume, e sua espingarda voou longe. Mas o espetáculo mais assustador foi Guerreiro, sustentado pelas patas traseiras, a atacar com seus enormes cascos ferrados, como um garanhão. Seu primeiro golpe atingiu na cabeça um cavaliço de Foxwood, que caiu inerte na lama. Ao ver isso, alguns dos homens largaram seus porretes e tentaram correr. Foram dominados pelo pânico, e no instante seguinte todos os animais juntos os perseguiram, fazendo-os dar voltas e mais voltas no pátio. Foram chifrados, escoiceados, mordidos, pisoteados. Não houve um único animal da fazenda que não se vingasse deles, cada um a seu modo. Até mesmo a gata de súbito pulou do telhado sobre os ombros de um vaqueiro e cravou-lhe as garras no pescoço; o homem soltou um grito horrível. No momento em que a saída estava livre, os homens aproveitaram para correr para fora do pátio e bater em retirada em direção à estrada. E assim, cinco minutos após a invasão, eles estavam fugindo vergonhosamente pelo mesmo lugar por onde haviam entrado, seguidos por um bando de gansos a grasnar e lhes bicar as pernas, sem parar.

Todos os homens tinham ido embora, menos um. No pátio, Guerreiro tentava com a pata desvirar o cavaliço que estava

“Chica! Olhe bem para mim. Você me dá a sua palavra de honra de que aquele homem não fez uma carícia no seu focinho?”

“Não é verdade!”, repetia Chica, mas recusava-se a encarar Tulipa, e logo em seguida saiu saltitando rápido pelo campo afora.

Tulipa teve uma ideia. Sem dizer nada a ninguém, foi até a baia de Chica e revirou a palha com a pata. Escondida embaixo da palha, encontrou uma pequena pilha de torrões de açúcar e vários maços de fitas de cores variadas.

Três dias depois, Chica desapareceu. Por algumas semanas, nada se soube a respeito do seu paradeiro; então os pombos vieram contar que a tinham visto do outro lado de Willingdon. Estava atrelada a uma charrete elegante, pintada de vermelho e preto, parada à porta de um bar. Um homem gordo, de rosto rubicundo, trajando calça xadrez e polainas, com cara de dono de bar, fazia festas no focinho de Chica e lhe dava açúcar. O pelo dela estava recém-tosado, e em seu topete havia uma fita vermelha. Ela parecia estar se divertindo, disseram os pombos. Nenhum dos animais jamais voltaria a falar em Chica.

Em janeiro, o frio foi terrível. A terra ficou dura como ferro, e nada se podia fazer nos campos. Realizaram-se muitas Reuniões no celeiro grande, e os porcos cuidavam do planejamento da próxima estação. Todos haviam concordado que os porcos, que eram sem dúvida mais inteligentes que os outros animais, tomariam todas as decisões referentes à administração da fazenda, ainda que depois elas fossem ratificadas pelo voto da maioria. Esse sistema teria funcionado bem se não fossem as disputas entre Bola de Neve

sem moinho, dizia ele, a vida continuaria como sempre — ou seja, ruim.

Além das discussões a respeito do moinho de vento, havia também a questão da defesa da fazenda. Parecia claro que os seres humanos, embora tivessem sido derrotados na Batalha do Estábulo, poderiam fazer outra tentativa, mais eficaz, de retomar a fazenda e devolvê-la ao sr. Jones. O que lhes dava ainda mais motivo para agir era o fato de que a notícia da derrota se espalhara pelo interior, e por isso os bichos das fazendas vizinhas estavam mais agitados do que nunca. Como sempre, Bola de Neve e Napoleão discordavam. Segundo Napoleão, o que os bichos deviam fazer era obter armas de fogo e aprender a usá-las. Já Bola de Neve julgava que deveriam enviar cada vez mais pombos para espalhar a rebelião entre os animais das outras fazendas. O primeiro argumentava que, se não conseguissem se defender, fatalmente seriam conquistados; o segundo dizia que, se eclodissem rebeliões por toda parte, não seria necessário se defender. Os animais ouviram primeiro Napoleão, depois Bola de Neve, e não conseguiram decidir qual dos dois tinha razão; na verdade, sempre concordavam com aquele que estivesse falando no momento.

Por fim, chegou o dia em que o projeto de Bola de Neve ficou pronto. Na primeira Reunião de domingo, decidiu-se pôr em votação se começavam ou não a construir o moinho de vento. Quando todos os animais estavam reunidos no celeiro grande, Bola de Neve levantou-se e, ainda que interrompido de vez em quando pelo balir das ovelhas, expôs as razões que o levavam a propor a construção do moinho. Em seguida, Napoleão levantou-se para retrucar. Disse, em

como é que íamos ficar? Imaginem se vocês tivessem resolvido seguir Bola de Neve, com suas histórias de moinhos de vento — Bola de Neve, que, como sabemos agora, não passava de um criminoso?”

“Ele combateu com bravura na Batalha do Estábulo”, alguém argumentou.

“Bravura não basta”, disse Guincho. “Lealdade e obediência são mais importantes. E quanto à Batalha do Estábulo, há de chegar o dia, creio eu, em que vamos constatar que a participação de Bola de Neve nela foi muito exagerada. Disciplina, camaradas, disciplina férrea! Essa é a nossa palavra de ordem de hoje. Um passo em falso, e os inimigos nos pegam. Sem dúvida, camaradas, vocês não querem a volta de Jones, não é?”

Mais uma vez, o argumento era irrespondível. Estava claro que os animais não queriam a volta de Jones; e se os debates das manhãs de domingo teriam o efeito de fazê-lo voltar, então que cessassem os debates. Guerreiro, que a essa altura já tivera tempo de pensar bem sobre o ocorrido, exprimiu o sentimento geral com estas palavras: “Se é o camarada Napoleão quem diz, então deve estar certo”. E daí em diante adotou uma nova máxima, “Napoleão tem sempre razão”, em acréscimo a seu lema pessoal, “Vou trabalhar mais”.

Por essa época, já estava chegando a primavera, e começaram a lavrar a terra. O galpão onde Bola de Neve desenhara seu projeto de moinho de vento tinha sido fechado, e imaginava-se que os desenhos haviam sido apagados do chão. Todos os domingos, às dez horas da manhã, os animais reuniam-se no celeiro grande para receber as ordens da semana. O crânio do velho Major, já